

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-prorietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

30 de Dezembro de 1910

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 7

N.º 1152



DEPOIS DO VENDEVAL — Quadro de Sousa Pinto, no Museu da Escola Portuense de Belas Artes
Fotografia e similí gravura de Marques Abreu

CHRONICA OCCIDENTAL

Rockfeller, solicitado por uma grande revista de Nova-York, consente em fornecer-lhe algumas paginas de collaboração. Sabe-se por que enorme somma de actividade commercial chegou Rockfeller a juntar os seus muitos milhões de dollares. Como Roosevelt, é elle, hoje, uma das proeminentes figuras dos Estados Unidos da America. E' o verdadeiro americano integro e intrepido, um Franklin do seu tempo, a exacta personificação d'essa *strenous life* de que fala o mesmo Roosevelt.

Conta-se que uma mãe escossêsa, dando conselhos ao filho que embarcava para fóra, lhe dizia:

— «Ganha dinheiro, meu filho; honradamente, se poderes... mas ganha dinheiro!»

E não falta quem julgue que este conselho aforístico põe a nú o fundo intimo do genio nacional dos inglêses. Ganha dinheiro, que é o essencial. Não te prendas com considerações de cavalheirismo ou quaesquer outros preconceitos. Ganha dinheiro — e deixa!

Rockfeller fala paternalmente aos rapazes americanos que estão no começo da vida, e dá-lhes tambem os seus conselhos por intermedio da alludida revista.

Nunca para a mocidade americana houve oportunidades como as que hoje se lhe offerecem, começa elle por dizer. Os antigos directores das grandes empresas industriaes retiram-se, deixando o campo livre á gente nova: por sua vez esta segunda geração terá de dar lugar á geração que se lhe seguir. Aquelles que primitivamente eram empregados na Standard Oil Company, por exemplo, estão hoje á testa de importantes succursaes d'aquella companhia.

Homens do tempo de Rockfeller, que começaram como trabalhadores em diversos ramos da industria, avançaram semelhantemente, achando-se hoje na primeira plana. A consolidação de interesses tem aberto novos horisontes ao rapaz mais pobre que queira aprender a economisar e a concentrar-se. A educação technica sobretudo é altamente importante na carreira de um homem diligente e trabalhador.

Não ha duvida de que em tudo e por tudo os rapazes de hoje gosam de melhores vantagens que os de ha cincoenta annos. O campo da actividade humana está-lhes amplamente aberto; só lhes resta saber tirar vantagens das oportunidades. A dar-lhes um conselho, diz Rockfeller, seria este: «Dediquem-se a uma carreira, áquillo para que se sintam com mais vocação; depois sigam o seu caminho de cabeça erguida, com prudencia, economia e honestidade. Não esqueçam tambem a recreação do espirito e os cuidados com a saude. Lembrem-se de que a riqueza não é tudo, e, se errarem, lembrem-se tambem que errar é proprio dos homens. Um esforço consciencioso levá-los-ha a bom termo».

Rockfeller começou a poupar dinheiro desde a idade dos dez annos. Não tinha mais que cinquenta dollares, mas um visinho precisava justamente d'aquella quantia e elle emprestou-lh'a ao juro de sete por cento. Ao mesmo tempo trabalhava num campo de lavoura com o salario de trinta e sete centavos e meio por dia. No fim de um anno, o dinheiro posto a juro rendera-lhe tres dollares e cinquenta centavos. Senhor d'esta quantia viu, pelo mais facil dos calculos, que ella lhe representava dez dias de trabalho, e d'ahi logo decidiu pôr a render todo o dinheiro que podesse juntar.

O melhor conselho que se deve dar a um rapaz, diz elle, é que poupe quanto possa. Muitas occasiões terá para isso. Mas como poderá elle obter bons resultados, se não se habituar a cultivar habitos de economia e de prudencia? Nada ha no mundo que se compare com a confiança que depositamos em nós mesmos — este sentimento que nos ensina a contar só conosco em todas as vicissitudes da vida; que nos ensina a conceber que tudo quanto possuimos é nosso, em virtude dos nossos proprios esforços; que nos ensina, finalmente, a ser verdadeiramente independentes.

Ganha-se mais dinheiro nos Estados Unidos do que em qualquer outra parte do mundo; mas o povo mais rico da terra será aquelle que mais economias fizer, aquelle que deixar menor porção de terra aravel por cultivar, aquelle que melhor souber poupar o tempo e a energia propria. Não concebamos porém a vã noção de que a riqueza é tudo. Ninguem tem o direito de amontoar dinheiro só pelo prazer de amontoar. O dom de ganhar

dinheiro é um dom especial, como o podem ser o da poesia ou o da esculptura.

Uma outra lição que a mocidade deveria sempre recordar, diz Rockfeller, é que todo o homem tem uma divida para com a humanidade, e ha de ser sempre julgado conforme a maneira por que pagar essa divida.

Devemos tomar todos os cuidados com a saude, porque sem ella nada se pôde fazer. A saude não se deve sacrificar a coisa alguma. Respiremos todo o bom ar possivel, e não desprezemos nunca os passatempos proprios da mocidade. Rockfeller considera os dias que passou na pesca e aquelles em que rachava lenha em Ohio, como os mais felizes da sua vida inteira.

Sejamos praticos e perseverantes: a perseverança é tudo. Todo aquelle que se dedicar ao trabalho com tenacidade alcançará sempre resultados bons.

E' necessario ser se leal e sincero. A' franca confiança que depositou nos homens e á sua habilidade em lhes inspirar este mesmo sentimento é que, Rockfeller diz dever a sua fortuna.

Exito deveras duradouro só é aquelle que se consegue pelo trabalho diligente e penoso. Não desprezemos os pequenos resultados do começo. Ponhamos sempre as coisas nos seus logares. Do homem que se dedicou ao serviço de *chauffeur* deve-se exigir um bom *chauffeur* e não um director de banco ou de uma companhia de caminhos de ferro.

E a influencia do meio? A influencia do meio representa muito mais do que poderá supôr-se na vida de um homem. O ambiente da herdade e da casa de campo é um bom começo para os rapazes. Não quer isto dizer que o homem educado na cidade encontre ali menos vantagens. Nascido, porém, no campo ou na cidade, o homem deve evitar quantas tentações ameacem pervertê-lo, deve escolher cuidadosamente aquelles que de-seje para companheiros, e dar especial attenção ao lado espirital da vida. A religião, por exemplo, é um dos grandes factores da humanidade. Desprezando os seus ensinamentos, ninguem poderá ser um homem integro. Tudo isto diz Rockfeller.

Por falta de tempo, oportunidade e capital, o principiante debatia se d'antes num circulo limitadissimo. E' a união dos capitães que faz abrir as minas, montar as grandes fabricas, pôr de pé os enormes estabelecimentos do commercio americano. E' a união dos capitães e o concurso dos braços que tem feito irradiar pela terra, em todas as direcções, esse potentado universal que se chama o caminho de ferro...

Mas quem aceitará a theoria de que todo o trabalho está feito, que o desenvolvimento das rêdes ferro-viarias attingiu o seu limite, que a industria do aço não pôde ir mais longe, e que nas industrias do carvão, do ferro, do chumbo, do cobre, da borracha, na agricultura, no commercio marítimo, nas finanças, em tudo finalmente se attingiu já o apogeu do desenvolvimento?

Admittindo mesmo que assim fôsse, cada geração precisaria de milhares de homens novos, ambiciosos, vigorosos, para tomarem conta do trabalho que os velhos chefes cansados já não possessem suportar.

Não é assim que acontece, todavia. O progresso material do mundo, grande como tem sido, só assignalou o seu inicio. Serão as nascentes gerações e as que se lhes seguirem que continuarão essa tarefa, inventando, creando, adaptando, poupano o tempo e o trabalho, por methodos novos que ainda hoje nem podemos suspeitar.

A procura de gente nova, forte, intelligente e habil, é já muito grande. Ella é absolutamente necessaria para arrancar o progresso ás garras da rotina. O progresso é a chave de tudo. Methodos mais aperfeiçoados, novos pontos de vista, novo sangue, nova vida: eis do que constantemente se precisa. Os aprendizes tornar se-hão os chefes das officinas; os chefes das officinas tornar-se-hão os directores das grandes empresas industriaes. E, assim, o campo de acção alargar-se-ha constantemente. Os velhos têm de conformar-se com o ficar para trás. Os novos tomarão o seu lugar. Na forja, como no escriptorio, quer-se gente nova, e essa gente é que d'aqui a dez ou vinte annos constituirá a vanguarda da industria do seu tempo.

Fóra d'aqui, affirma Rockfeller, não ha outras soluções. O rapaz pobre está numa posição vantajosa relativamente ao rico, porque se acha preparado para fazer o que o rico nunca ou raramente fará.

Compulsando a historia da industria do aço na America, vê-se que os mesmos homens que trabalharam com aventaes de couro junto das for-

nalhas flamejantes, são hoje os directores das grandes companhias productoras.

Que as oportunidades para o rapaz de hoje são maiores que nunca, não ha duvida. Tudo está em que elle, quer entre na vida com o pé descalço, quer dispondo já de algum fundo de dinheiro, siga á risca as regras da economia, da sobriedade, da honestidade e da perseverança.

E' preciso todavia estimular toda essa gente nova a tirar o maximo proveito das oportunidades; e todo o estímulo, na opinião de Rockfeller, depende da educação na familia e da instrução escolar.

— «Eu não tive esta instrução, diz Rockfeller, mas tive uma boa mãe e um excellente pae. E' no meio familiar que os caracteres se formam.»

Melhor que a educação dos collegios é a instrução que hoje se ministra nas grandes e modernas escolas technicas. A nossa era é toda de especialização. Na industria mineira, nas estradas ferreas, nas fabricas, nos engenhos, nas forjas, ha uma procura incessante de homens que possuam um conhecimento technico especial, de modo a desempenharem-se intelligentemente dos trabalhos sérios. E ainda esta é uma vantagem que os rapazes de ha cincoenta annos não possuíam. Hoje, apprendem-se nas escolas coisas numerosas que só um arduo e porfiado trabalho poderia ensinar noutros tempos.

A instrução technica é o fructo do progresso do nosso seculo. E' a escola technica de hoje que verdadeiramente prepara os surprehendentes trabalhadores do futuro.

JOÃO PRUDENCIO.



Depois do vendaval

Quadro de Sousa Pinto

Pertence ao Museu da Escola Portuense de Belas-Artes o quadro que reproduzimos na primeira pagina deste numero, numa finissima similigravura do sr. Marques Abreu, artista que nossos leitores já conhecem por outras primorosas reproduções aqui publicadas, como apreciaveis especimens deste genero de trabalhos.

Não podia ser mais feliz a reprodução que hoje apresentamos do belo quadro de Sousa Pinto, o pintor português de ha muito consagrado no país e ainda mais no estrangeiro, especialmente em França, onde vive e tem seu mercado.

São, em geral, simples, as composições deste artista, mas os seus quadros são repassados de verdade e de sentimento que em sua simplêsa nos contam uma historia, exprimem um pensamento, umas vezes poetico, outras psico-filosofico, porque tem alma e tem lição.

E' isto que se pôde observar no quadro *Depois do vendaval*. A natureza está ali e a alma humana que a contempla triste, no desamparo em que a encontra ferida do vendaval. O roble, talvez secular, foi sem respeito derrubado pela tempestade.

A pobre velha camponesa, que o contempla, conhecia-o, talvez, desde a infancia, vira-o crescer, bracejar vigoroso e adensar sua ramaria, dando sombra amiga a que ella quantas vezes se acolheria. A quantos vendavaes elle resistiria forte e altivo, emquanto a natureza lhe deu toda a seiva de que carecia para triunfar da morte?! Mas chegou a hora fatal e cabiu por terra ao assôpro da porcela deste mar da vida.

A pobre velha está-se vendo naquella espelho. Ella tambem foi moça, vigorosa e resistente aos vendavaes da vida, mas como o roble, essa mocidade, vigor e resistencia passaram, e a hora fatal tambem lhe ha-de chegar. Eis porque ella contempla triste o roble, pendido para a terra que é a mortalha da vida e nas suas dobras ella será tambem por fim amortalhada.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

A profanação do tumulo de Ignez de Castro pelos soldados francezes — Um fragmento do manto de D. Ignez de Castro

Em uma das visitas feitas ao meu illustre amigo e grande amator de arte, colecionador de antiguidades, sr. Julio Mardel, elle me apresentou, como curiosidade, um fragmento do manto

de D. Ignez de Castro, que o conhecido pintor e restaurador dos celebres quadros de Nuno Gonçalves *A adoração de S. Vicente* (1), sr. Luciano Freire, lhe havia mandado com a seguinte carta:

«Am.º e Ex.º Sr. Mardel

Conforme o promettido em 25 de Setembro ultimo, no Solar da Varzea (Lamego) do nosso commum amigo Ill.º Ex.º Sr. Bernardo da Silveira, quando ali estive de passagem, e o meu Ex.º Amigo Mardel me mostrava uma porção de cabellos da Ignez de Castro (2), guardados no archivo da mesma illustre casa, envio um fragmento do manto da que «depois de morta foi Rainha» e que é metade do que me foi offerecido pelo Ex.º Sr. Alvaro Possolo, deputado por Alcobaça, reliquia que a sua familia guardava desde que os francezes violaram o tumulo da *misera*.

Com a satisfação de quem cumpre uma grata promessa me subscrevo

Muito Am.º Adm.º Obg.º

Luciano Freire

Lisboa 10 de Dezembro de 1909.»

O sr. Mardel, com o seu fino gosto de artista, collocára aquelle fragmento sobre um pergaminho e pintara-lhe, em cercadura, umas iluminuras alusivas á vida da tão linda quanto infortunada Ignez, de envolta com brazões portuguezes em que entra o dos Castros de seis arruelas, etc.

Os quadros representados nas seis iluminuras referem-se: o primeiro á *Fonte dos Amores*, cujo:

«O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.»

O segundo alude ao verso de Camões que abre o episodio Ignez de Castro:

«Estavas, linda Ignez, posta em socego»

O terceiro alude aos passeios dos dois amantes, na quinta, que de *Lagrimas* se ficou chamando; o quarto quadro representa o assassinato pelos tres algozes que:

«As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos.»

O quinto quadro é a coroação da *misera* por:

«Aquelle, que depois a fez Rainha»

O sexto e ultimo quadro é a execução dos algozes de Inez:

«No futuro castigo não cuidadosos.»

execução que foi feita na preseça de D. Pedro.

Achei muito curiosa esta reliquia do passado, tão estimada por seu possuidor, que a titulo de curiosidade, pedi ao illustre antiquario para a arquivar nesta revista, repositório já de tanta coisa historica, pedido que me foi obsequiosamente satisfeito, assim como a carta acima transcrita.

Essa carta referindo-se á proveniencia do aludido fragmento, não é um documento que firme a sua autenticidade e por isso carece de prova.

Mas que prova se póde produzir hoje sobre a autenticidade do manto que D. Ignez de Castro levou para a sepultura?!

Não ha duvida que os soldados francezes violaram o tumulo de D. Ignez de Castro, violação que, por mera curiosidade, já havia sido tentada por El-Rei D. João III e D. Sebastião, e depois, em 1704, para satisfazer ao arquiduque Carlos de Austria, na sua passagem por Portugal, mas não chegou a realisar-se, pelo receio, bem fundado, de damnificar o tumulo, de marmore branco, todo ornamentado de estatuas e baixos relevos, esculptura da época, tudo alusivo á vida de D. Ignez.

«Porém, á terccira vez completou-se a obra de profanação. Felizmente não tomaram nella parte mãos portuguezas. Foi a soldadesca franceza do exercito do marechal Massena, na invasão de 1810, que cometeu esse desacato, não por sim-

ples curiosidade, mas sim instigada pelo espirito de roubo, julgando encontrar alguns objetos preciosos. Deste feito brutal ficaram no tumulo deploraveis vestigios» (1).

Entretanto isto ainda não é prova irrefragavel da autenticidade do fragmento em questão.

Acontece que o sr. M. Vieira Natividade publicou ha pouco um esplendido livro: *Ignez de Castro e Pedro o Cru*, que é um minucioso e lindo estudo sobre os tumulos de D. Ignez e de D. Pedro, com que me brindou, e ao qual espero referir-me mais de espaço com o apreço e cuidado que um tal trabalho merece.

Não podia o citado livro vir mais a proposito, no momento em que eu tratava de colher esclarecimentos sobre o assunto em questão, e assim dirigi-me ao sr. Natividade, pedindo me auxiliasse na investigação do que poderia haver de verdade sobre o assunto.

A resposta não se fez esperar numa delicada carta da qual extracto os seguinte trechos:

«O original que deu logar á gravura deve, segundo penso, ter a mesma origem de outro pedaço que tenho em meu poder, e de que envio photographia, visto ser absolutamente igual em desenho de bordado, e em tecido, e certamente na cor: — azul muito claro e esmaecido, ou verde palido. Obtive-o ha talvez 15 ou 18 annos, das mãos de um homem d'Alcobaça, chamado Antonio Veterano, que tem feito largo negocio com pretendidas coisas de Ignez: — pedaços do manto, restos da anágua, anneis, e até... um seio mumificado!! De um bocado da pretendida anágua vae photographia.

Guardados andaram — os bocados do manto e da anágua para um dia contrapor a qualquer dessas coisas que surgissem, como agora, a titulo de authenticas. Confesso que tenho pela linda Ignez um grande carinho espiritual, como demonstro no meu ultimo livro, mas não dei nem dou a esses objectos — que se dizem tirados do seu tumulo — a mais insignificante nota de interesse.

Os proprios cabelos d'Inez tão largamente espalhados, não caberiam já na sua linda cabeça, tantos são os possuidores.

Entrando, porem, na rigorosa apreciação dos pretendidos restos do manto, muitas coisas, d'ordem technica, haveria que trazer ao assumpto: —

1.º — Saber se á Ignez rainha, se não daria a cor de porpura, distintivo de realaleza.

2.º — Se o tecido (setim de bello acabamento) era já produsido no seu tempo.

3.º — Se a applicação do bordado em largos golpes se fazia assim.

4.º — Authenticação.

Ora eu creio que o tecido não irá muito alem do seculo XVI, se o exceder. Carece-se porem de um estudo tecnico que não será facil realisar, e para que eu aqui não tenho seguros elementos.»

(1) Vilhena Barbosa, no livro *Monumentos de Portugal*, pag. 246.

Abundo na opinião do sr. Natividade, sem prejuizo de estudar o assunto se para isso dispuzesse de tempo.

Outros, por ventura, o poderão tentar e para isso é que vae a publico a gravura reproduzindo o fragmento, tão lindamente iluminado, pois quando não valha como documento historico, vale pela obra de arte de um amator distinto e investigador altamente cotado.

CAETANO ALBERTO.



Uma aguarela de Ribeiro Artur

Ainda não ha muito nos referimos a Ribeiro Artur, morto para a arte, que nelle tinha um de seus mais devotados cultores (1), e então prometemos reproduzir e publicar a sua ultima aguarela, que é hoje uma recordação, do que foi artista de coração, ainda que desviado para uma vida differente.

Desprovido, acaso, no seu inicio de estudos especiaes para uma carreira artistica, a sua inclinação era comtudo tão acentuada, que as obrigações dos serviços activos da vida militar, não lhe fizeram obliterar a sua querida arte, e antes lhe deu ensejo para se dedicar ao estudo, completamente descurado, dos uniformes e tipos militares do nosso exercito desde os seculos passados até ao presente.

Foi ardua a tarefa que se propoz de reconstituir, com os raros elementos que o passado nos legou, muitos desses uniformes e tipos, conseguindo ainda assim reconstituir um grande numero, que se encontra nas suas aguarelas, no Museu de Artilharia e no ministerio da guerra, o que representa trabalho importante, digno do maior apreço.

A aguarela que hoje reproduzimos e que foi, como dissemos, o seu ultimo trabalho, é uma reconstituição feliz do tipo do tambôr-mór do batalhão Naval, de que muito poucos hoje se recordarão, mas que nós ainda conhecemos na nossa mocidade.

O tambôr-mór marchava sempre na frente do regimento, muito garrido com o seu vistoso uniforme, manobrando um grande bastão de castão e ponteira de luzente metal amarelo, enrolado de cordões vermelhos com borlas, e fazendo evoluções de dificeis equilibrios de jogo malabar.

A passagem de um regimento ou de uma guarda com o seu tambôr-mór á frente, pelas ruas de Lisboa, era espectáculo ambulante que atraía a população e ainda mais o rapazio, que lhes fazia guarda avançada, como ainda hoje acontece, saltando, correndo e gesticulando em alegre vozearia, de envolta com a canzoada, que então enchameava livremente a cidade, em plena época liberal.

(1) Vide OCCIDENTE, presete vol., pag. 263, n.º 1149.



O PALACIO, EM RICHMONDE, ADQUIRIDO PELO SR. D. MANUEL DE BRAGANÇA PARA SUA RESIDENCIA E DE SUA MÃE, EM INGLATERRA

O sr. D. Manuel de Bragança resolvendo fixar sua residencia em Inglaterra, comprou em Richmond, proximo de Londres, uma bela propriedade, que pertenceu a «lord» Maclean's, que foi, por muitos annos, chefe militar em Marrocos e teve grande preponderancia sobre o sultão destronado. A escritura de compra foi assinada no dia 12 do corrente.

(1) Vide OCCIDENTE, presente vol., pag. 164 — n.º 1136

(2) Vide presente vol., pag. 126.



FRAGMENTO DO MANTO DE D. IGNEZ DE CASTRO COM ILUMINURAS PELO SR. JULIO MARDEL



Reprodução de Pires Marinho

Uma feira em Torres Novas
Quadro de Carlos Reis, pertencente ao Museu Nacional de Belas-Artes

Tip. GILLES COELHO - L. SILVA, S. - LINDA



A TESTA DE COLUMNA DO BATALHÃO NAVAL, EM 1852

Ultima aguarela de Ribeiro Artur

Só os regimentos de infantaria é que tinham tambôres-môres. O do batalhão Naval era dos que mais se distinguia, pelo seu uniforme tão pitoresco como colorido. Calças azues listradas de galão dourado, casaca encarnada, chapéu armado preto e galões de ouro, posto á Bonaparte, etc. Para tambôr-mór escolhia-se a praça de maior estatura e de grandes barbas, que lhes era permitido usar. A figura do tambôr-mór tinha assim um garbo imponente, de aguerrido e victorioso general de cem batalhas.

O terno de tambôres que segue o tambôr-mór, destaca-se principalmente pelas enormes barretinas, vindas ainda dos tempos da Guerra Peninsular, nos principios do seculo XIX.

O quadro completa-se com um trecho da velha Lisboa, que pôde ser a Mouraria, onde ainda hoje se encontram algumas casas de balcões sahidos e adufas de rotola miuda, que fazem cenario, vendo-se tambem entre o povo o tipo romantico dos poetas de cabeleira e grande chapéu alto de abas recurvadas, como o ultimo abencerragem de uma época que passou.

O lobo e o homem

(Irmãos Grimm)

Ao Carlos Alberto

EM CERTA OCCASIÃO a raposa contou ao lobo casos extraordinarios da força do homem:

— Não ha um unico animal — proseguiu — que possa resistir-lhe e todos têm de recorrer á astucia para se livrar dos seus golpes!

— Ora sempre queria — respondeu com fanfaronice o lobo — que se me proporcionasse occasião para encontrar um homem; todos os teus excellentes discursos não me impediriam de o avistar cara a cara!

— Se esse é o teu desejo — retorquiu a raposa — facil me será proporcionar-te a occasião que pareces desejar. Vem aqui ántanhan de manhan ter comigo que eu te indicarei quem tu procuras.

O lobo apresentou-se no dia seguinte e á hora marcada no sitio combinado, e a comadre raposa conduziu-o pelos atalhos que lhe eram familiares até que saíram a uma estrada por onde todos os dias costumava passar um caçador. O primeiro individuo que se lhe deparou foi um velho soldado, reformado já de ha muito tempo.

— Isto é que é um homem? — perguntou o lobo.

— Agora não; foi em tempos idos!

Em seguida ao soldado, foi um rapasinho que voltava do collegio que passou pela estrada.

— Isto é que é um homem? — tornou o compadre lobo.

— Não por ora; sê-o-ha mais tarde!

Por fim appareceu o caçador, com a espingarda de dois canos a tiracollo e a faca de matto á cinta.

Comadre raposa indicou-o ao lobo:

— D'esta vez, sim, é que é o homem, um homem a valer. E' occasião azada para o abordares de cara a cara; quanto a mim, não leves a mal que vá descançar um pouco alli n'aquella esteva.

Assim que a raposa se retirou, o lobo marchou direito a encontrar-se com o caçador; quando este o viu, disse lá para comsigo:

— Que pena não ter a arma carregada com balas!

Fez pontaria e toda a pequena carga de chumbo foi ter ao fucinho de compadre lobo, que fez uma terrivel caretta, não deixando, comtudo, de avançar sem que se intimidasse. O caçador tornou a pôr a arma á cara e desfechou; o lobo supportou a dôr e d'um salto agarrou o caçador que, ao vêr-se perdido, lançou mão da faca de matto que trazia á cinta e feriu-o tão rudemente nos flancos que o pobre animal, renunciando á defesa, metteu o rabinho entre pernas e voltou todo ensanguentado para junto da matreira raposa, que lhe perguntou, logo que o viu encaminhar-se para ella:

— Então que tal te saístes da refrega com o homem?

— Ora deixa-me cá! — respondeu o lobo muito envergonhado. Nunca fizera ideia da força do homem que começou por tirar um pau que traxa a tiracollo, soprou por um determinado sitio e mandou-me ao focinho uma poeira especial que me fez umas cocegas pouco agradaveis; tornou outra vez a soprar e parece-me ter recebido no

nariz uma porção de chispas brilhantes e quentes; por fim, quando formei o pulo agarrando-o, tirei do corpo um objecto branco e de tal maneira me bateu com elle que por pouco não caí morto!

— Isso tudo prova que as fanfarronadas não servem para cousa alguma e que não se deve prometter o que não nos é possível cumprir! — respondeu á astuta raposa.

X — IX — CMX.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

TOLSTOI

(Concluido do n.º 1151)

Boiarski, homem de letras russo, aprecia-o da seguinte maneira:

«A marcha da historia, o estudo analytico do passado, as novas theorias sociaes, os systems economicos contemporaneos, as idées dos grandes philosophos, as opiniões recentes sobre a arte estão em desacordo com o Tolstoi e provam-nos que a nossa tarefa não é afastarmo-nos da civilização creada pelas myriadas de seculos precedentes, mas pelo contrario desenvolver o individuo e crear uma sociedade em que a felicidade collectiva tenha por base a somma das prosperidades individuaes.

«Mas se não partilhemos as suas opiniões philosophicas, se lastimamos a impossibilidade d'uma vida tão profundamente moral na sociedade actual, inclinamo-nos perante o nobre coração e o subtil espirito d'esse gigante do pensamento; admiramos o genio grandioso e milagroso d'esse cerebro inexgotavel; contemplamos essa vida de apostolo e sentimos grande veneração por esse poder artistico.»

O jornal *L'Humanité* diz:

«Qualquer que seja a opinião que se tenha sobre as idéas e a obra de Tolstoi, não podemos deixar de nos inclinarmos perante a grandeza d'alma e a energia combativa de que deu provas durante a sua vida, porquanto, mesmo na ultima parte da sua existencia, nesse periodo de mysticismo doloroso, em que elle procurou isolar-se definitivamente do mundo, o espirito de Tolstoi não descançou: luctou sem treguas contra tudo quanto julgava mau e a favor do que considerava como sendo a suprema perfeição.

Que importa que elle tivesse concepções que nós não podemos acceitar? Que nos importam as suas doutrinas sobre a questão sexual, sobre a resistencia passiva e sobre a confusão da verdade com o christianismo?

O que nos interessa é que Tolstoi procurasse, como nós, como todos os que amam a justiça e a humanidade, substituir uma organização da vida em que a desunião, a mentira e a violencia são omnipotentes, por uma ordem nova em que reinem a concordia, a verdade e a fraternidade.

G. K. Chesterton, na revista *The Illustrated London News*, analysando Tolstoi como educador da mocidade, considera o perigoso, por ensinar falsa moral, embora no fundo fôsse um caracter digno.

Jules Lemaître definiu Tolstoi nas seguintes palavras: — *Era um homem de genio e d'um caracter extraordinario. Não era um guia, mas era um illuminador.*

As obras de Tolstoi tem sido traduzidas nas mais importantes linguas, e em edições espantosas. Só durante os ultimos cinco annos do movimento revolucionario as suas obras impressas na Russia produziram mais de doze milhões de rublos. O maior successo de livreria foi com os *Contos de Sebastopol* e *Anna Karenine*, da qual só na Russia se tiraram dois milhões de exemplares, e na Allemanha já se contam quatorze edições.

Da *Sonata de Kreutzer* venderam-se oito milhões d'exemplares. Do romance *Guerra e Paz* venderam-se na Russia setecentos mil exemplares.

Tolstoi deixou a propriedade litteraria de todas as suas obras sem excepção, e ainda a propriedade dos manuscritos e de todos os papeis a sua filha Alexandra Lvona Tolstoi, com protesto dos irmãos Leão e André, que se viram, finalmente, obrigados a acceitar a ultima vontade paterna, acolhida favoravelmente pela viuva e pelos restantes filhos.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

Uma feira em Torres Novas

Quadro de Carlos Reis

O suplemento com que brindamos os nossos assinantes, é a reprodução do melhor quadro português do anno.

Foi este quadro, pintado pelo sr. Carlos Reis, para o lugar do que se perdeu no naufragio do vapor *Saint André*, na volta da Exposição Universal de Paris de 1900.

Era um quadro de paisagem que fôra adquirido pelo governo para o Museu Nacional de Belas-Artes.

O que o sr. Carlos Reis agora pintou é, como se vê, de paisagem tambem, não sendo inferior ao outro, para não dizermos superior, pois é difficil a classificação, sabendo-se como o talentoso professor prima sempre nos seus quadros, quer elles sejam de figura ou de paisagem.

O quadro *Uma feira em Torres Novas* é de largas dimensões e recomenda-se tanto pelo assunto bem caracteristicamente português, como pela soberba execução.

O quadro é superiormente composto em todas as suas linhas, cheio de ar e de côr realçando á luz do esplendido sol peninsular o colorido e a vida que respira.

Os tipos que nelle figuram são cuidadosamente estudados e caracteristicos, dando um todo de flagrante verdade, facilmente comprovavel para todos aquelles que conhecerem o caracter e usos da vida nos nossos campos.

Não escapou ao auctor do quadro aquellas cenas de namoros tão vulgares nestas feiras ou romarias, e assim vê-se, bem observada, no primeiro plano aquella bonita aldean, que não enjeita a côrte que seu apaixonado lhe está fazendo.

Folgamos de poder apresentar a nossos leitores a reprodução deste quadro, na primorosa simili-gravura do sr. Pires Marinho, que desde cêrca de vinte annos vem apresentando nesta revista seus trabalhos sempre em progressiva perfeição.

Digressão pelo oeste do Algarve

(Continuado do n.º 1150)

Regressámos a Lagos e naturalmente dediquei-me a ir visitar a escola de desenho industrial «Victorino Damasio», regida pelo sr. Falcão Trigo: em vista da boa disposição e ordem das salas da Escola e do aproveitamento, que revelavam os trabalhos práticos dos alumnos, dispostos para exposição, repito gostosamente n'este lugar as felicitações que dirigi ao activo e talentoso professor d'aquella Escola.

Mais uma vez vendo tão bons resultados de educação téchnica, obtidos pelas raparigas e rapazes da localidade e entre elles varios aprendizes e praticos de officios, elles me demonstravam a utilidade da instituição do ensino industrial, fundado em 1884 pelo estadista Antonio Augusto de Aguiar, secundado em 1888 pela larga iniciativa do notavel politico Emygdio Julio Navarro.

N'algumas poucas localidades tiveram essas novas escolas percário resultado, como succedeu exactamente á Escola «Victorino Damazio», estabelecida durante annos em Torres Novas e onde fôramos a exames; pela falta de frequencia (em terra de fabricas!) foi transferida, segundo a lei, para outra localidade, razão por que a fui tornar a encontrar agora em Lagos.

O ensino de desenho industrial não pretende fazer *artistas*, salvo as raras aptidões que se manifestem, mas sim dar ao operario, conhecimentos bastantes dos varios desenhos, ou de modelação, consoante as profissões, que o habilite a saber ler um projecto de construcção, de mobiliario, ou de decoraçào e saber executar correctamente, á primeira, sem perdas de tempo e de materiaes, isto é, sem tentativas infructuosas.

Esse *désideratum* está alcançado e a perfeição da mão de obra moderna nas construcções das varias cidades, attesta o bom resultado educativo do operario.

Assim, em todas as cidades do reino, por pequenas que sejam, existem sempre operarios de construcção civil, além de outros mistéres a quem o ensino utiliza, razão por que pelo menos o en-

sino do desenho deveria ser estabelecido em todas ellas: infelizmente, embora muitas escolas existam em varias localidades, muitas e importantes cidades ainda as não possuem, como por exemplo Santarem, aqui ao pé de Lisboa.

A capital mesmo, que possui trez escolas industriaes, duas marginaes em Alcantara e Xabregas e uma internada, a Santa Izabel, sempre abarrotadas de alumnos, podia ainda possuir mais uma quarta escola, alli pelas proximidades do Intendente, onde ha compacta população circumvisinha, vivendo a enorme distancia de qualquer das escolas estabelecidas n'outros bairros.

E' realmente admiravel, como em Lagos, tendo uma população operaria na maioria pescatoria, a escola de desenho revela boas aptidões, destacando-se entre os numerosos pequenos alumnos, varios operarios taes como marceneiros, serralheiros, e outros, como tivemos gostosamente occasião de bem classificar, nos seus exames.

Apresentado pelo nosso distincto collega a algumas das principaes pessoas da localidade, pela tardinha passeava com algumas d'ellas na excelente praça calcetada á portugueza, isto é, com desenhos a pedra branca e preta (calcario e basalto), e d'ali a vista alongava-se pela soberba bahia e a seu respeito novas impressões colheamos, sendo uma d'ellas, pelo muito que impressionou os habitantes de Lagos, a deslumbrante festa que uma enorme esquadra ingleza, de cento e quarenta vasos de guerra, dedicára ao falecido rei D. Carlos I. quando nomeado almirante honorario da marinha ingleza.

Por excepcional distincção áquelle Rei, que estava então a bordo, toda a esquadra salvou de noite pelas 10 horas, produzindo um effeito colossal de clarões e sons, que davam a sensação de uma tremenda batalha naval; toda a poderosa esquadra illuminou e á sahida do Rei desenas de holophotes formaram uma estrada de luz electrica na direcção do escaler real; por sua vez em terra as illuminações, os fogos de artificio e as musicas correspondiam a tão formidavel aparato, formando o conjuncto uma scena de rara grandeza, impossivel de esquecer.

Na manhã immediata embarcava eu com o sr. Falcão Trigoso n'um escaler a rémos, tripulado por trez robustos e alegres marítimos, em passeio por mar, o segundo pelo meu collega offerecido, ao longo da costa de Lagos, para ver o aspecto da formidavel *falaise* e das suas lindas grutas marinhas.

O Oceano estava da maior tranquillidade, parecendo um lago infinito e permitiu assim com a maior segurança essa vizita, que seria arriscada ou mesmo impossivel n'outras occasiões; não se imagina o encanto e o assombro que nos despertou a contemplação de tão extraordinario aspecto da natureza.

Aqui, alli, viam-se formidaveis blócos destacados (como na Praia da Rocha), pela acção do mar da grandiosa penedia; apresentavam-se esses altos cachopos com formas mais ou menos curiosas e exóticas, como a de um, a que os marítimos chamaram a *bonéca*, figura que o blóco imitava menos mal; as côres vivas dos terrenos apresentados em nitida e interessante stratificação, uns amarelos, outros encarnados, mais claros ou mais escuros, trouxeram-me á lembrança a *critica*, que em um anno me foi feita n'um jornal lisboêta, a proposito, ou desproposito, de ter apresentado n'uma exposição de arte um quadro representando as *Furnas de S. Miguel*, em que essa variada coloração é tambem caracteristica e que copiáramos do natural conscienciosamente.

Entre vária descompostura em lettra redonda, dizia-me o *critico*, sagaz e matreiro, que eu em vez de terrênos copiára os doces de uma loja de confeitaria; agora alli, deante de aquellas coloridas arribas de Lagos, dava-me desejos de trazer o plumitivo pela gola do casaco e que me dissesse, se aquellas pintadas rochas, eram tambem lampreias de ovos, ou dôces de côco: ora a chalaça do... irracional!

A parte original e imprevista da excursão, era a vizita ás famosas grutas, que realmente deixam a celebrada «Gruta do Inferno», em Cascaes, a perder de vista.

Percorrêmos umas trez, sempre embarcados, entrando por uns vastos pórticos de irregulares curvas, de aspecto pouco tranquilizador e seguindo de pasmo em pasmo, por umas grandes salas, e sahindo mais adeante por outros arcos dantescos; mais adeante percorrêmos vagarosamente, no escaler, a gruta da Senhora da Piedade, esta alta e espaçosa, como um templo formado de extranha architectura, com rasgões nas assidentadas parêdes e nas maçissas abobadas; n'um, n'outro ponto, abriam-se no alto varios *rótos*, por onde o sol entrava a flux e se via o lindo azul do ceu e



LAGOS — GRUTA DA SENHORA DA PIEDADE

tambem alguma gaivota adejando em tórno do ninho, ou imobilizadas em alguma saliencia das rochas.

O phantastico porém era lá dentro, o effeito da agua, de uma transparencia de crystal, deixando ver os linguados e outros peixes nadando, tratando da sua vida; as côres as mais harmoniosas e mais bem matisadas, muito suaves á vista, como avelludadas, cercavam-nos por todos os lados, atingindo então um effeito de mágica, quando acertava passar o bote ante aberturas submarinas, em que o sol lá de fóra, chegava até nós, atravez a agua, como n'um deslumbrante fóco verde glauco, de enorme intensidade, como eléctrico.

— Não imagina como os inglezes apreciam estas maravilhas, dizia-me o nosso collega, quando acontece a esquadra aqui descansar, os variados barcos, a rémos, á vella, a vapor, fervilham por estes sitios, que elles confessam arrebatador e unico.

Por meu lado esgotava todas as formulas admirativas, não me cançando de elogiar tão assombrosos quadros, que me faziam lembrar os descriptivos do *Homem das aguas* de Julio Verne, ou os que Victor Hugo, o *Grande*, fez da gruta submarina dos rochedos Douvres, nos *Travailleurs de la mer*, aonde em logar da suposta nympha habitante de tão encantadora mansão, existia o horrivel polvo, que Gilliatt depois matou, quando na espantosa lucta com o tremendo monstro marinho.

Aqui porém tudo correu pelo melhor, o mar conservou-se como que adormecido, e fóra elle quem, nos seus tremendos impetos de espantosa aggressão milenar, cavára todos aquelles maravilhosos antros; onde todas as côres da palêta e do prisma eram postas em jogo pela luz solar.

Ao regressar não pude deixar de agradecer calorosamente ao sr. Falcão Trigoso, tão surpreendente espectáculo como o que me proporcionára, o primeiro de certo que meus olhos viram, e não são poucos os que em pontos diversos da Terra me tem sido dado contemplar: e aqui aconselhámos, que ninguem de bom gosto, que vá a Lagos, deixe de visitar, se o mar o consentir, as notabilissimas grutas, para gosar um dos mais impressionantes aspectos da maior das artistas, a Natureza.

Desembarcámos, vendo de caminho o macisso mólhe de embarque da Solaria, só agora terminado, após tanta reclamação, para serviço das esquadras.

Na praça calcetada a ornatos, vi tambem o exterior de uma das mais ricas e reputadas egrejas do Algarve, Santo Antonio de Lagos, com a sua decoração do seculo xviii. Internamente não nos foi possivel visital-a, mas por photographias sabia já ser apreciabilissima a talha dourada de grande effeito decorativo, que quasi totalmente a guarnece.

Na extremidade opposta da cidade, n'uma alameda, fiz o *croquis* de uma curiosa capella, com sua cupula e dedicada a S. João; proximo do local lavavam e batiam roupa algumas duzias de

lavadeiras, com seus lenços de ramagem, tendo por cima chapéus de côco, segundo a feia moda das camponezas algarvias; aqui, quasi todas curvadas para os tanques á flor da terra, sombreadas por eucaliptos e chorões, formavam um pitoresco e garrido quadro.

D'ali, para o norte, a vista estendia-se pelos formosos campos e outeiros limitados ao longe, no horisonte, pela comprida e altiva serra da Foia, fundo obrigado de quasi toda a paisagem do Algarve de barlavento, quer se esteja ao norte, quer ao centro, ou ainda ao sul d'esta linda provincia portugueza.

Não era necessario tanto convite, como o que a bella serra de Monchique nos fazia para a visitar, pois era ella um dos pontos, dos que ha muitos annos esperavamos poder ver e admirar, taes os gabos que de ha muito nos eram feitos, sobre as suas alpestres bellêzas.

Será essa excursão e a visita a Silves, a velha moura, o assumpto de um ultimo artigo, acabando assim n'elle, de deixar de abusar da paciencia de algum raro leitor, que, no OCCIDENTE, tenha tido a curiosidade de seguir as nossas apagadas descrições sobre o Algarve de Oeste.

RIBEIRO CHRISTINO.

A LOTERIA DO NATAL

E' sempre um acontecimento que desperta interesseiramente o povo de Lisboa, a *Loteria do Natal*, o que não quer dizer que deixe de interessar todo o país, que teria vontade de vir em peso á capital para assistir á grande loteria, e de mais perto e rapido gosar a sorte ou sofrer a decepção.

Este anno esse interesse cresceu na proporção do premio grande, que era de duzentos e sessenta contos de réis, o qual assim escrito por estenso ainda maior parece.

Não faltou quem sonhasse com essa riqueza e até a repartisse logo pelas mil e uma necessidades que tinha, ainda que para isso se habilitasse apenas com uma cautella de meio tostão.

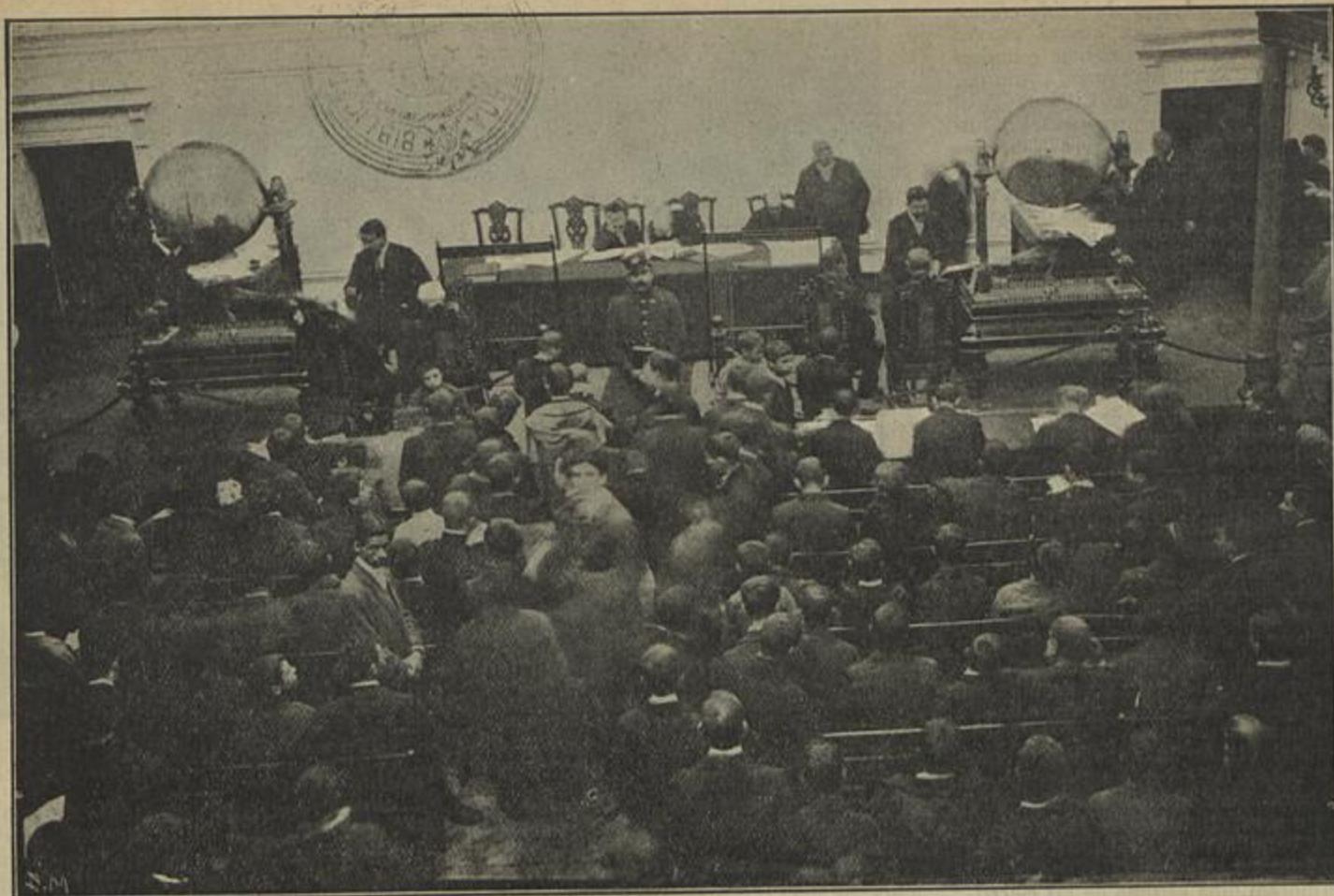
Mas os duzentos e sessenta contos era tudo, subiam á cabeça e até faziam perder o somno,

Em tempos que lá vão, quando as loterias eram apenas de uns modestos cinco contos de réis, um pobre sapateiro reunindo todas as suas economias, aventurou-se a comprar um bilhete.

Vastos planos elle fez até o dia de andar a roda. Então vestiu-se com o fato domingueiro, ajuntou a ferramenta na alcofa e avisou a mulher de que ia á Misericórdia e se o visse voltar de sege, deitasse logo a ferramenta á rua.

De facto elle voltou de sege e a mulher logo atirou com a alcofa pelo portal fóra.

— Não atires mulher, não atires, balbuciou elle de dentro da tipoia. O bilhete estava branco e como me deu uma coisa, é que me touxeram de sege...



A LOTERIA DO NATAL. — EXTRAÇÃO DOS PREMIOS NA SALA DAS LOTERIAS DA CASA DA MISERICORDIA
(Cliché Alberto Lima)

AVISO

Com este numero é distribuido a todos os srs. assignantes, alem do frontespicio e indice do volume, um SUPLEMENTO BRINDE: **Uma feira em Torres Novas** — Quadro de Carlos Reis. Este suplemento avulso custa 200 réis, e com o numero 320 réis.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (à Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Machinas SINGER

PARA COSER



AS MAIS PERFEITAS
e as mais procuradas
em todos os mercados do mundo

Prestações de 500 rs. por semana
e a dinheiro com grande desconto

Praça dos Restauradores, 42-B — Rua Garrett, 105-107 — Calçada da Graça, 8 a 10 — Rua da Palma, 260 — Largo do Conde Barão, 35 — Rua do Livramento, 51 — Rua da Junqueira, 480 — Rua Direita do Grillo, Beato.

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE
Capa 800 réis — Capa e encadernação 1\$200 réis

